

Um testemunho da produção escrita brasileira no século XIX (1858): a validade social e histórica das cartas familiares destinadas ao Barão de Cocais

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v5iEspecial2.29799>

Márcia Cristina de Brito Rumeu

Professora de Língua Portuguesa da FALE/UFMG e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais.

E-mail: marcia.rumeu@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9254-976X>

Ana Luísa Póvoa de Souza

Graduanda em Letras licenciatura dupla Português-Alemão pela Universidade Federal de Minas Gerais. Bolsista de Iniciação Científica (CNPq).

E-mail: analuisapsouza@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0199-1892>

RESUMO

Este artigo tem como principal intuito a apresentação da edição fac-similar e semidiplomática de uma carta produzida por uma escrevente brasileira ainda no início da 2ª metade do século XIX (1858). A relevância da edição desse conjunto de cartas reside principalmente no fato de tratar-se de missivas pessoais que não só nos dão notícias acerca da dinâmica da lavra de minérios em Minas Gerais, mas também trazem à cena a dinâmica das relações familiares. Trata-se, sem dúvida alguma, de uma fonte para futuras análises acerca de relevantes aspectos da história social e da história linguística do português Brasileiro na 2ª metade do século XIX a serem desvendados com base nas cartas ao Barão de Cocais.

Palavras-chave: Sociolinguística histórica. História linguística e social de Minas Gerais. Cartas pessoais.

Considerações iniciais

O caminho que nos levou à Coleção Barão de Cocais foi a busca por fontes históricas no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro para o estudo da expressão escrita da língua portuguesa produzida por punhos eminentemente brasileiros em sincronias passadas. Nesse sentido, deparamo-nos com as cartas pessoais direcionadas ao Barão de Cocais, um ilustre minerador em Cocais e em São João Batista do Morro Grande (“José Feliciano Pinto Coelho da Cunha”), que nascido no município mineiro de Santa Bárbara constituiu família após o seu casamento com “Antônia Tomásia de Figueiredo Neves” com quem teve quatro filhos, cf. informações levantadas no verbete da família *Pinto Coelho da Cunha*¹ em Bueno; Barata (2001, p. 1800) e também publicadas *on line* (Biblioteca Nacional Digital) no periódico *A noite*² que, por sua vez, teve como fontes bibliográficas a obra *Genealogia Paulista* (SILVA LEMOS) em relação à família *Coelho da Cunha*. Motivadas pelo contexto das relações familiares encontramos as oitenta e nove (89) missivas destinadas ao Barão de Cocais produzidas, entre 1848 e 1862, em sua maioria por “Bernardo Antonio Nascentes Pinto” que, como genro do Barão de Cocais em virtude do seu casamento com a sua filha Ana Casemira, tratava recorrentemente do andamento da mineração, de escravos e de questões familiares.

As missivas da Coleção Barão de Cocais catalogadas sob o seguinte código de acesso “R8” no interior do ³Arquivo Nacional - RJ foram confeccionadas, em sua maior parte, pelo punho de Bernardo, visto que se mostraram assinadas, em muitas delas, conjuntamente por Bernardo e por Ana Casemira como é constatado com base na análise comparativa entre os traçados das letras do corpo da carta e das suas assinaturas. Assim sendo, evidenciamos que a letra do redator Bernardo é bem distinta da letra de sua esposa Ana Casemira. Nessa amostra, ao final das cartas, Ana Casemira pôs-se também, ao menos em algumas delas, a expor as suas breves notícias ao final da missiva assinada primeiramente por seu marido Bernardo, o que corrobora a hipótese de termos em foco distintos tipos de letras distintos, como se pode observar na imagem (1) e nas suas ampliações, respectivamente, em (1a) e (1b).

¹ “[...] o Coronel José Feliciano Pinto Coelho da Cunha [...] Veador da Casa Imperial. Deputado agraciado com o título [Dec. 14.03.1855] de barão com honras de grandeza de Cocais [...]”

² Periódico *A noite*² (12.05.1941) divulgado no site da Biblioteca Nacional Digital.

http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=348970_04&pagfis=8738&url=http://memoria.bn.br/docreader

³ BRASIL, ARQUIVO NACIONAL - DIBRARQ MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA - R8 *Barão de Cocais*. Disponível em <<http://dibrarq.arquivonacional.gov.br/index.php/barao-de-cocais>>. Acesso em 4 out. 2019.

Imagem 1 - Punhos de Bernardo e de Ana Casimira numa mesma carta para o Barão de Cocais. Sam Vicente, 07.09.1858 (R8 7).

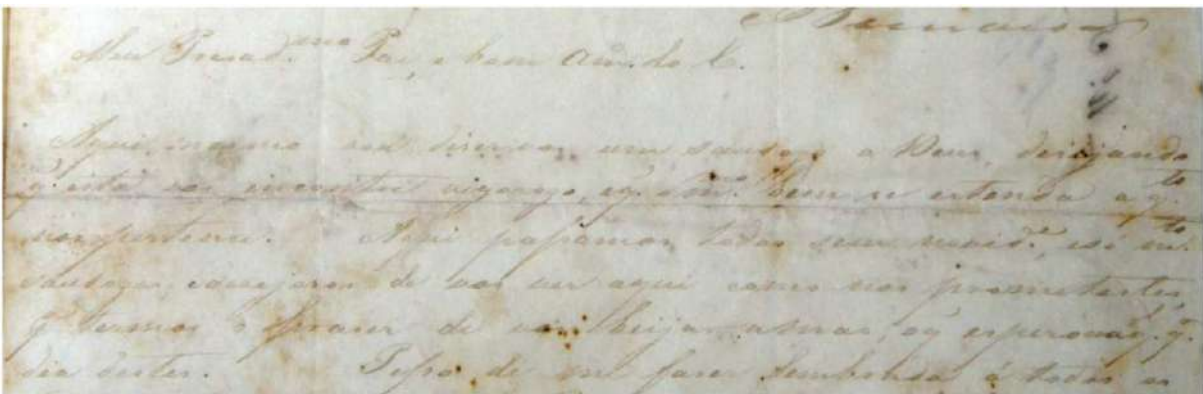


Imagem 1a - Punho de Bernardo em missiva destinada ao Barão de Cocais. Sam Vicente, 07.09.1858 (R8 7).



“[espaço] Rogo lhe finalmente de fazernos recom- | mendados atodos os nossos, efinalmente | dispor como quizer do | Filho Compadre, obrigado | certo, ebem obediente | Bernardo”

Imagem 1b - Punho de Ana Casimira em missiva destinada ao Barão de Cocais. Sam Vicente, 07.09.1858 (R8 7).



“Meu Prezadissimo Pai, e bom Amigo do Coração

[espaço] Aqui mesmo vou diser vos um saudozo a Deus, desejando | *que* esta vos incontre vigorozo, e *que* o mesmo bem se estenda a *quanto* | nos pertence. [espaço] Aqui passamos todos novidade, esó muito | saudozos, e desejosos de vos ver aqui como nos prometestes, | para termos o praser de vos beijar amao, o*que* esperava*qualquer* | dia destes. [espaço] Pesso de me fazer lembrada á todas as [...]” (Sam Vicente, 07.09.1858, R8 7)

Apresentamos, neste texto, a conservadora edição de uma carta redigida e assinada por Ana Casemira que, em fins da década de 50 do século XIX (1858), escrevia ao seu pai (Barão de Cocais) anunciando-lhe não só que o marido (Bernardo Antonio Nascente Pinto) havia viajado para Ouro Preto no intuito de conseguir escravos, mas também que, em seis dias e meio, tinha apurado 561 oitavas de minério. O tom pessoal da carta evidencia a preciosidade do documento produzido por um punho legitimamente brasileiro acerca de questões cotidianas vinculadas ao lucro com a lavra de minério, à aquisição de novos escravos para o crescimento da sua produção e à alguns desentendimentos familiares. No contexto da carta em foco, a questão familiar é abordada no final da carta sem a menção ao nome de um dos envolvidos que, por sua vez, é mencionado por Ana Casemira em sua forma abreviada (“[...] Tenho sabido das proezas de N. epor isso suspendi | ahida de Bernardo ahi, epor isso tal | vez [...]”), como observamos nas imagens (2) e (3).

Imagem 2 – Trecho da missiva de Ana Casemira em que há menção a um conflito familiar.
Sam Vicente, 07.09.1858 (R8 7), fólio 1v.

[fól. 1v]

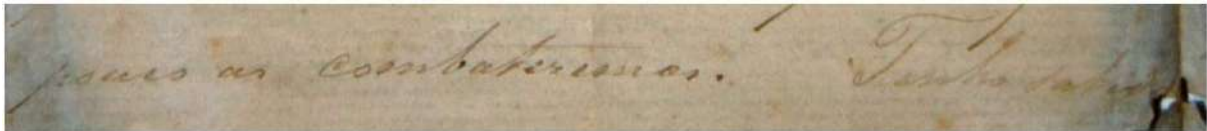
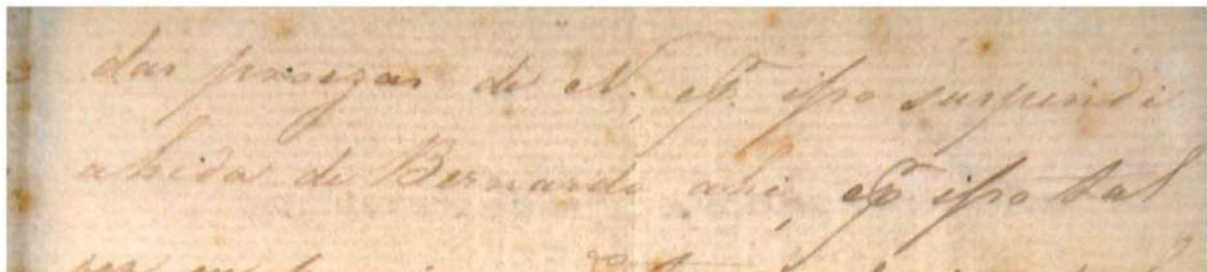


Imagem 3 – Trecho da missiva de Ana Casemira em que há menção a um conflito familiar.
Sam Vicente, 07.09.1858 (R8 7), fólio 2r.

[fól. 2r]



“[...] Tenho sabido | das proezas de N., epor isso suspendi | ahida de Bernardo ahi, epor isso tal | vez [...]”

As cartas pessoais da Coleção Barão de Cocais oferecem à comunidade acadêmica um material linguístico-textual *sui generis* não só para o estudo da língua portuguesa em sua expressão escrita (daí a relevância das análises de teor filológico), mas também para a discussão dos aspectos sociais relacionados não só à dinâmica de trabalho que envolveu a extração de minério (aspecto da história social de Minas Gerais), mas também à dinâmica das redes de relações familiares nucleadas pelo seu ilustre patriarca, Barão de Cocais (BERGS, 2005). O fato de termos em análise uma carta asseguradamente redigida por uma missivista brasileira (em conformidade com o parâmetro da autoria (*authorship*), cf. CAMPOY; SCHILLING, 2012) na segunda metade do século XIX não só evidencia as potencialidades de uso dessa robusta amostra de cartas pessoais (a representatividade (*representativeness*), cf. CAMPOY; SCHILLING, 2012) direcionadas ao Barão de Cocais, mas também justifica a vinculação dessa amostra ao projeto de pesquisa “Para uma Sociolinguística Histórica do Português Brasileiro: variação sincrônica e mudança diacrônica” cujo título já aponta para o seu foco voltado para as discussões acerca de fenômenos de variação e mudança embasadas em amostras linguísticas legitimamente brasileiras. Acreditamos que a principal contribuição desta conservadora edição de uma carta pessoal oitocentista esteja consolidada na hipótese defendida por Tarallo (1993, p. 99) de que “o cidadão brasileiro já estava de posse, ao final do século XIX, de sua própria língua/gramática”, o que permite conjecturar que as cartas pessoais produzidas por escreventes brasileiros representem um testemunho do português brasileiro (doravante PB) em sua expressão escrita de sincronias passadas.

Os parâmetros da edição fac-similar e semidiplomática (SPINA, 1977) em discussão foram inspirados em Rumeu (2013) e Lobo (2001) que, por sua vez, estão conduzidos pelas normas de transcrição propostas no âmbito do Projeto *Para a História do Português Brasileiro*.⁴ Estruturalmente, este texto é conduzido, nas considerações iniciais, por esclarecimentos acerca do tipo de texto editado, da sua validade social e histórica e da sua autoria, sendo, na sequência, conduzido à exposição das normas de transcrição e, finalmente, à transcrição da carta manuscrita em questão, às considerações finais e às referências bibliográficas deste artigo.

⁴ Parâmetros de transcrição discutidos no II Seminário do Projeto *Para a História do Português Brasileiro*, realizado em Campos do Jordão, no período de 10 a 16 de maio de 1998, pela comissão de pesquisadores composta por Heitor Megale (USP), César Nardelli Cambraia (USP), Gilvan Müller de Oliveira (UFSC), Marcelo Módolo (mestrando-USP), Permínio Ferreira (UFBA), Sílvio de Almeida Toledo Neto (USP), Tânia Lobo (UFBA) e Valdemir Klamt (UFSC).

1. Normas de transcrição de manuscritos históricos

1. A transcrição será conservadora.

2. As abreviaturas serão desenvolvidas na transcrição, revelando-se, em itálico, as letras omitidas, à luz dos seguintes critérios específicos:

a) A norma se aplica também às abreviaturas hoje em uso corrente ou fixadas em dicionários. Exemplos: “*etc.*”, “*Sr.*”, “*Sr.^a.*”, “*ltda.*”, “*Cia*”, “*V. Ex*” e “*D.*”.

b) Respeitar, sempre que possível, a grafia do documento, ainda que manifeste idiosincrasias ortográficas do escriba, como no caso da ocorrência “*munto*”, que leva a abreviatura “*m.^{to}*” a ser transcrita “*munto*”.

3. Não será estabelecida fronteira vocabular entre palavras que venham **escritas juntas**, nem se introduzirá hífen ou apóstrofo onde não houver. Exemplos: “*epor*” “*ser*”; “*aellas*”; “*daPiedade*”; “*omninino*”; “*dosertaõ*”; “*mostrandoselhe*”; “*achandose*”; “*seseague*”.

4. A pontuação original será mantida. No caso de espaço maior intervalar deixado pelo escriba será marcado [espaço]. Exemplo:

Serão observados dois casos especiais:

a) Em relação a trechos que demandem maior esforço para decodificação, seja pela ausência de sinais de pontuação, seja por estarem sob sistema diverso, o editor incluirá, em nota de rodapé, uma possível interpretação.

b) A sinalização [espaço] não se aplica aos espaços em cabeçalhos, títulos e/ou rótulos de seções de periódicos, fórmulas de saudação/encerramento ou na reprodução de diálogos, devendo o editor estabelecer o intervalo conforme o original.

5. A acentuação original será rigorosamente mantida, não se permitindo qualquer alteração.

6. Será respeitado o emprego de maiúsculas e minúsculas como se apresentam no original.

7. Eventuais erros do escriba ou do copista serão remetidos para nota de rodapé, onde se deixará registrada a lição por sua respectiva correção.

8. Inserções do escriba ou do copista, para não conferir à mancha gráfica um aspecto demasiado denso, obedecem aos seguintes critérios:

a) Se na entrelinha do documento original, entram na edição em alinhamento normal e entre os sinais: < >; <↑>, se na entrelinha superior; <↓>, se na entrelinha inferior. Exemplo:

b) Se nas margens superior, laterais ou inferior, entram na edição entre os sinais < >, na localização indicada.

9. Supressões feitas pelo escriba ou pelo copista no original serão tachadas.

10. Intervenções de terceiros no documento original devem aparecer em nota de rodapé informando-se a localização.

11. Intervenções do editor não de ser raríssimas, permitindo-se apenas em caso de extrema necessidade, desde que elucidativas a ponto de não deixarem margem à dúvida. Quando ocorrerem, devem vir entre colchetes e em itálico.

12. Letra ou palavra(s) não legíveis por deterioração ou rasura justificam intervenção do editor com a indicação entre colchetes conforme o caso: [.] para letras, [ilegível] para vocábulos e [ilegível. + n linhas] para a extensão de trechos maiores.

13. Letra ou palavra(s) simplesmente não decifradas, sem deterioração do suporte, justificam intervenção do editor com a indicação entre colchetes conforme o caso: [?] para letras, [inint.] para vocábulos e [inint. + n linhas] para a extensão de trechos maiores. Exemplos: “É assim pe[?]r.”; “É assim [inint.] em Java”; “É assim [inint. + 2 linhas] em Havana.”

14. Para a dúvida acerca da decifração de algum grafema ou segmento de um determinado vocábulo, deve-se apresentá-lo em itálico e entre colchetes. Exemplo: ent[re]gue ou [rapaz].

15. A mudança de fôlio ou página receberá a marcação entre colchetes conforme o caso:

a) Em documentos manuscritos, com o respectivo número e indicação de frente ou verso. Exemplos: [fol. 1r]; [fol. 1v]; [fol. 2r]; [fol. 2v]; [fol. 3r]; [fol. 3v]; [fol. 16r]

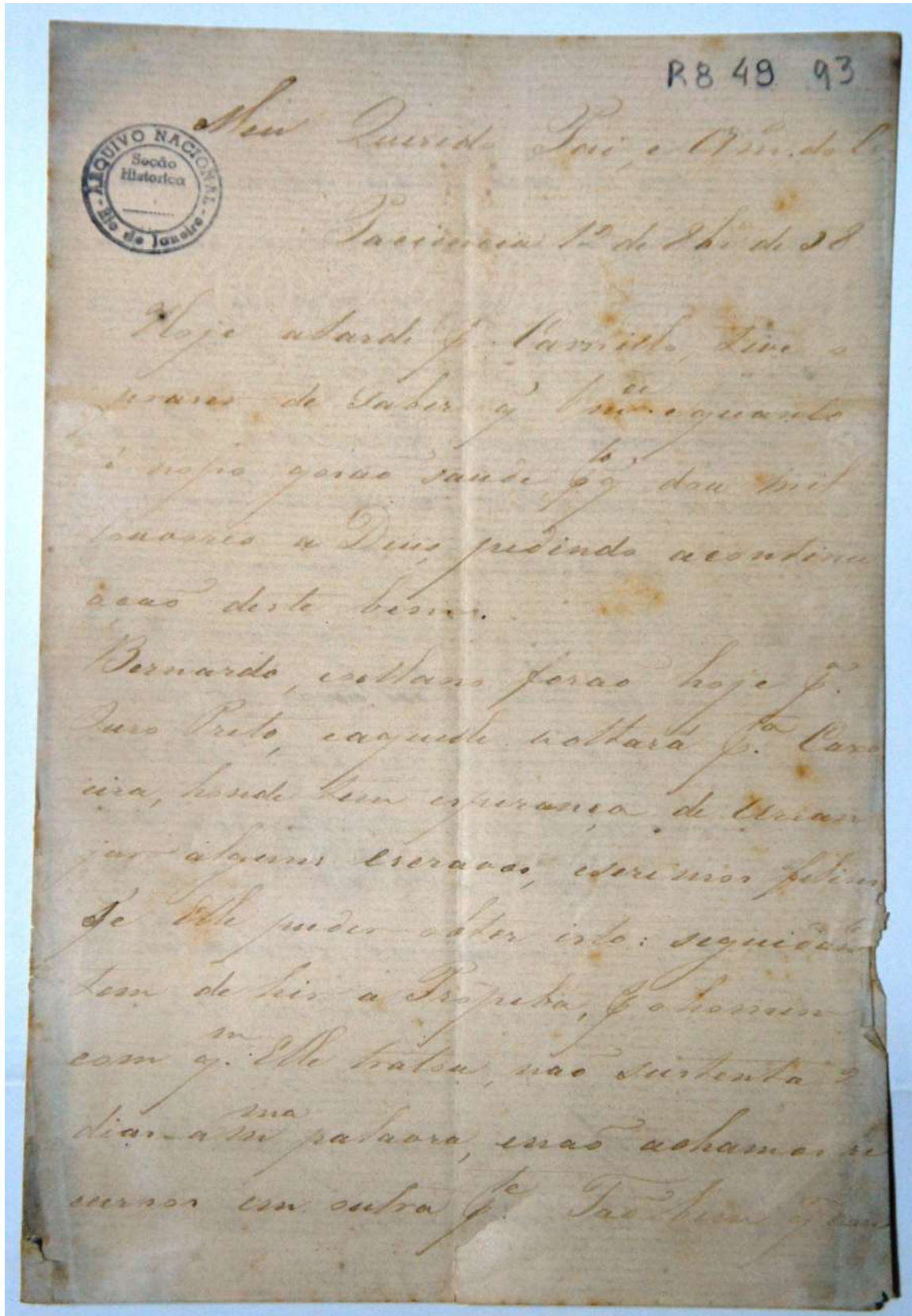
b) Em documentos manuscritos, impressos ou datilografados, a indicação de página será expressa da seguinte forma: [p. 1]; [p. 2]; [p. 3]; [p. 19].

16. Na transcrição, as linhas serão numeradas de cinco em cinco a partir da quinta à margem direita da mancha, à esquerda do leitor.

17. Os sinais públicos, diferentemente das assinaturas e rubricas simples, serão sublinhados e indicados entre colchetes. Exemplos: assinatura simples, Bernardo Jose de Lorena; sinal público, [Bernardo Jose de Lorena].

18. Informações que o editor julgar significativas sobre a diagramação e *layout* do texto em impressos devem aparecer em nota de rodapé.

2. Fac-símiles e edição semidiplomática da carta de Ana Casemira



ACERVO: Arquivo Nacional.

COTA: R8 49.

LOCAL E DATA: Paciencia, 12 de outubro de 1858.

AUTOR: Ana Casemira.

NACIONALIDADE: Brasileira.

NATURALIDADE: Minas Gerais.

CONTEÚDO: Carta de Ana Casemira ao seu pai (José Feliciano Pinto Coelho da Cunha, Barão de Cocais) para comunicar que Bernardo (marido) foi para Ouro Preto com o intuito de conseguir mais alguns escravos. Além disso, Ana Casemira apresentou ao seu pai a apuração de 561 oitavas de minério em seis dias e meio (6 ½) e comentou sobre algum tipo de desentendimento familiar sem explicitar exatamente os nomes dos familiares envolvidos.

[fól. 1r]

⁵<R8 49> <93>

Meu Querido Pai, e Amigo do *Coração*,

Paciencia 12 de outubro⁶ de 58
 Hoje a tarde por Camillo, tive o
 prazer de saber *que Vossa merce* e quanto
 5 é nosso gozão saude, *pelo que* dou mil
 louvores a Deus, pedindo acontínu
 ação deste bem.
 Bernardo, eo Mano forão hoje para
 Ouro Preto, eaquelle voltará para Caxo⁷
 10 eira, honde tem esperança de Arran
 jar alguns escravos, eseremos felizes.
 Se Elle puder obter isto: seguidamente
 tem de hir a Propeba⁸, *pois* o homem
 com *quem* Elle tratou, não sustenta 9
 15 dias *ame*ma palavra, enão achamos re
 cursos com outra *parte* Tão bem *quer* con

⁵ Incrições numéricas “R8 49” e “93” feitas por outros punhos e à lápis na margem superior direita do suporte provavelmente no interior do acervo (AN-RJ).

⁶ Abreviatura alfanumérica: “8br^o”.

⁷ Leia-se “Caxoeira” por “Cachoeira”, o que pode ser uma referência ao município de “Cachoeira de Minas” localizado na região Sul do Estado de Minas Gerais.

⁸ Leia-se “Propeba” por “Paraopeba”.

R8 48

buscar em Preto sobre alguns esca-
 vos do Ganga: enfim, versões se temo
 desta gente q' é m' segura do q' se li-
 vras q' tem m' vontade.

O Sr. está bem heróico q' no
 produto, maior seria se nas re-
 entiope trabalhado q' formar outro
 pitar, q' desminu m' na quantid
 da pedras, m' logo q' aellinas se como
 ninguém esperamos maior resultado.

O Sr. dia ante muy produziras 261
 eit, q' equivale a 26 eit tanto q' dia

Deus q' nos indempize de tantos sacri-
 ficias, paciencia q' temo lido.

Agora é q' vai aparecendo q' aqui se
 guem Catharais, mas suposto q' con-
 pouos os combatimentos. Tanto sabido

[fól. 1v]

<R8 48>

verçar em *Ouro Preto* sobre alguns escra-
vos do Gongo⁹: enfim vemos se temos
desta gente *que é mais* segura do *que* os li-
20 vres *que* tem *muita* vontade.
O Serviço está bem lizonjeiro *quanto* ao
producto, emaior seria se não se
estivesse trabalhando *para* formar outro
pilar, o *que* deminue *muito* na *quantidade*
25 da pedra, *mas* logo *que* as Minas se como
niguem¹⁰ esperamos maior resultado.
6 e ½ dias deste mez produzirão 561
oitavas¹¹, o *que* equivale a 86 oitavas etanto *por* dia
Deus *pois* nos indenize de tantos sacri-
30 ficios, e paciencias *que* temos tido.
¹²Agora é *que* vai aparecendo *por* aqui, pe-
quenas Catharrais, mas suponho *que* com
pouco as combateremos. Tenho sabido

⁹ Possivelmente, trata-se de uma menção à mina de ouro “Gongo Soco”.

¹⁰ Leia-se “niguem” por “ninguém”.

¹¹ “8. Regionalismo: Brasil. Diacronismo: antigo. Unidade monetária equivalente a 1.200 réis”, cf. Houaiss (2009).

¹² Na construção clivada “Agora é *que* vai aparecendo *por* aqui, pe | pequenas Catharrais”, temos o constituinte “agora” com a função de advérbio em relação à oração “vai aparecendo *por* aqui, pequenas Catharrais”.

R848 94

das prozas de et. q. ipso sursum
 abida de Bernarito abi, q. ipso bat
 sea en presige qd. tiem de in. de hum
 das illas q. me acompanhar, e estan
 do a l'ha d'ente seria d'ito l'ha mas
 in. vsta, e apim de dia q. J. occupado
 nao p'nde ir. Que protervia!! Mas
 se pode ser in. infame!!! Tokre Filho!
 Oq. Valle e q. todas sabem avaliar sua
 posicao e sua conduta!!

Depo de apresentar a todos os Parentes
 e Am. no sand. das filhas e Am.
 eria q. como sempre sou.

P.S.
 Julia filha ar. maada
 em hon. O'ro q. serimo
 dos porticos.

Ja Cosm. e fil
 Am. da C.
 Anna Sapiencia

[fól. 2r]

<R8 48>

35 das proezas de N. e por isso suspendi
 ahida de Bernardo ahí, e por isso tal
 vez eu precise *quando* tiver de ir de hum
 dos Manos para esse acompanhar, pois estan
 do a Velha duente seria duro Elle não
 ir vêla; e assim se diz *que* por occupado
 40 não pode ir. Que ¹³protervia!! Não
 se pode ser *mais* infame!!.. Pobre Filho!
 O *que* valle é *que*¹⁴ todos sabem avaliar sua
 posição esua conducta!!
 Pesso de apresentar atodos os Parentes
 45 e Amigos *muitas* saudades, edas filhas e *Vossa* mercê
 creía *que* como sempre sou.

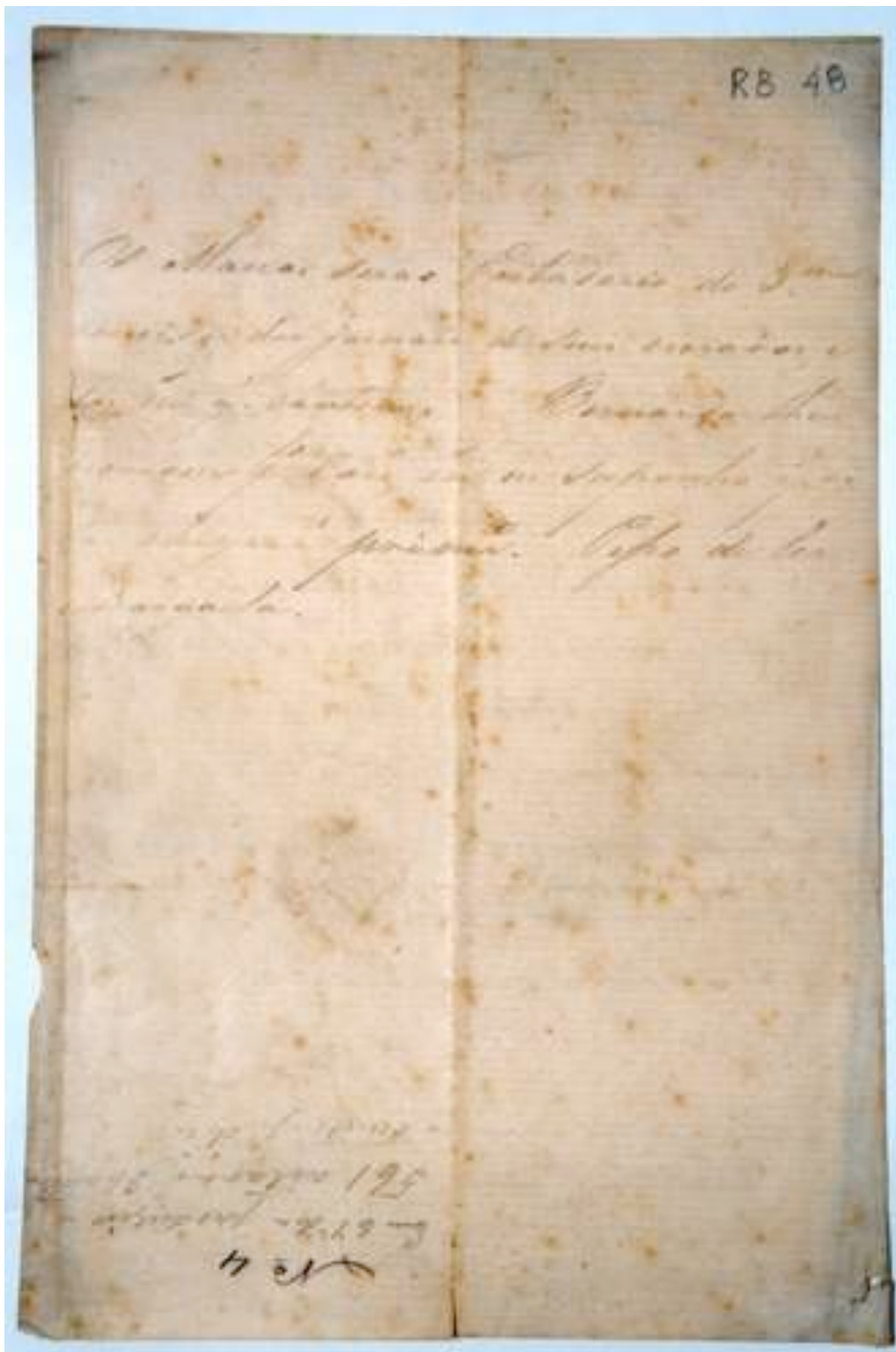
<p> <i>Post Scriptum</i> ¹⁵Julia beija as mãos seu bom avô, pelo mimo 50 dos vestidos. </p>	<p> <i>Filha Comadre, efiel</i> <i>Amiga do Coração</i> </p>
---	---

AnnaCasimira

¹³ Segundo Bluteau (1734, p. 258), o verbete “protervia” é assim definido: “PROTERVIA, f. f. intolerancia , defaforo. *Caflrioto Lufit.*”

¹⁴ Construção clivada cujo constituinte oracional foi encetado pelo “é que” (“o *que* valle”) com a função predicativa em relação à oração “todos sabem avaliar sua posição esua conducta!!”.

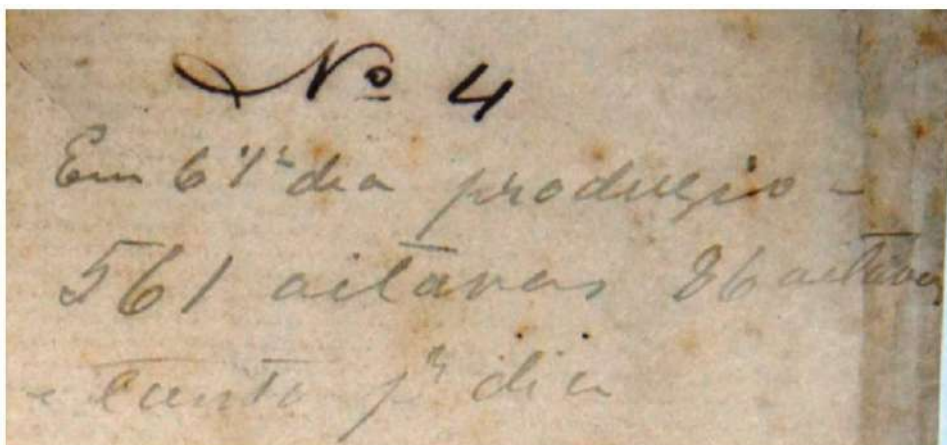
¹⁵ Filha de Ana Casemira e do Coronel Bernardo Antonio Nascentes Pinto e, portanto, neta do Barão de Cocais.



[fól. 2v]

<R8 48>

Os Manos serão portadores do 3^{me}¹⁶
 vermido dos jornais de seus escravos, e
 55 dos 17^{m.s} *que* contem. Bernardo lhe
 escreveu pelo Correio *mas* eu suponho *que* es
 ta chegará primeiro Pesso de ler
 e rasga la.



No canto inferior direito do suporte, em posição oposta a de escritura da carta, há as seguintes inscrições produzidas à lápis e por um punho distinto da letra da carta manuscrita em questão:

<N.º 4>

Em 6 ½ dia produzio -
 561 oitavas 86 oitavas
 e tanto pº dia

¹⁶ Abreviatura ainda não identificada: “3.^{me}”

¹⁷ Abreviatura: “m.^s”: “mesmos” ou “mais”.

Considerações finais

Com base na conservadora edição fac-similar e semidiplomática (SPINA, 1977) de uma carta familiar redigida de Ana Casemira, em 1858, ao seu pai José Feliciano Pinto Coelho da Cunha, Barão de Cocais, trouxemos à cena uma parte mínima do acervo em questão. Considerando que a amostra de cartas em discussão é composta por 350 fólios consubstanciados nas 89 cartas brasileiras produzidas, em sua maioria, por Bernardo Antonio Nascente Pinto, expusemos a edição de uma única carta autógrafa, ou seja, redigida e assinada por uma mulher brasileira, Ana Casemira, que escreve na realidade histórico-social oitocentista (1858), o que, por si só, já evidencia a preciosidade do testemunho escrito na realidade socio-histórica do português na sincronia passada em questão.

Referências bibliográficas

- BERGS, A. **Social networks and historical sociolinguistics**: studies in morphosyntactic variation in the Paston letters (1421-1503). Walter de Gruyter, 2005.
- BUENO, A. H. C.; BARATA, C. E. A. **Dicionário das Famílias Brasileiras**. Volumes I e II. São Paulo, 2001.
- HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M; SCHILLING, N. The Application of the quantitative paradigm to historical sociolinguistics: Problems with the generalizability principle. **The handbook of historical sociolinguistics**. Wiley-Blackwell. 2012, p. 63-79.
- HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2009.
- LOBO, T. C. F. **Para uma sociolinguística histórica do português no Brasil**. Edição filológica e análise linguística de cartas particulares do Recôncavo da Bahia, século XIX. Volume II. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 200.
- RUMEU, M. C. B. **Língua e sociedade**: a história do pronome 'Você' no português brasileiro. Rio de Janeiro: Ítaca (FAPERJ), 2013.
- SILVA LEME, L. G. **Genealogia Paulistana**. São Paulo: livraria Duprat, 1903-1904, 09 volumes.
- SPINA, S. **Introdução à edótica**: crítica textual. 2ª ed. São Paulo: Cultrix/Edusp. 1977.
- TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d' aquém e d' além mar ao final do século XIX. In.: ROBERTS, I.; KATO, M. (Orgs.) **Português Brasileiro**: uma viagem diacrônica. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1993. p. 69-105.